

*Um experimento performativo com O despertar da primavera*⁴⁶

por Lissa Santi

Eu vejo a moral como o produto de duas forças imaginárias – o dever e o instinto.

Homem, em *O despertar da primavera*.

Era um seminário sobre o Expressionismo alemão. Muito estudamos sobre a vanguarda histórica europeia em questão e, como se já não fosse a proposta inicial, percebemos de fato que havia a necessidade de uma proposição estética sobre o que significaria o Expressionismo alemão aplicado ao teatro hoje, com os recursos de hoje.

O despertar da primavera de Frank Wedekind, texto escrito em 1890, inaugurador, de certa forma, do Expressionismo em teatro, possuía características predominantes da primeira fase da vanguarda histórica estudada. Em razão disso, era necessário promover uma análise mais aprofundada, buscando entender tudo o que estaria em jogo em sua escrita. Houve uma grande identificação do grupo com o texto, tanto pela temática – o descobrimento da sexualidade de alguns pré-adolescentes e as questões sombrias que a moral impunha a esse respeito na vida adulta – quanto pela briga de gerações, grandemente decorrente da instabilidade política na Alemanha após a queda de Otto vom Bismarck. Além disso, pode-se afirmar que o Expressionismo (desde o pré-Expressionismo, e é esse o caso em questão) organizava-se por meio de palavras sombrias que combinavam com as demonstrações plásticas dessa vanguarda e sua apologia à escuridão, à deformidade.

Escolhido o texto, quisemos evidenciar suas características, como a oposição da pureza e da inocência diante daquilo que pareceria natural e da moral imposta, sufocante e dominadora. Nesse ponto, pudemos nos aproximar de textos contemporâneos que, para nós, possuíam aproximação poética nesse sentido. Escolhemos um deles, *A refeição* – Segundo Movimento (MORENO, 2008), de Newton Moreno, autor pernambucano, lido por um dos integrantes do grupo, propositor da experiência, como uma introdução à instalação cênica na qual transformamos a sala 201, de aproximadamente 64 m², do Instituto de Artes da Unesp.

⁴⁶ Relato escrito por Lissa Santi, com contribuições de Guemera Jorge, Luís Guilherme Conradi e Priscila Ortelã, estudantes do curso Licenciatura em Artes – Teatro do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IAU - Unesp).

A instalação, por sua vez, era repartida em quatro ambientes, divididos por grandes estruturas de madeira encobertas por tecidos pretos que foram utilizados como divisórias. Em todos havia uma iluminação específica, predominando a cor azul e o foco direto, com conseqüente criação de sombras condizentes com a escolha da evidência de oposições. Muitos galhos, folhas secas e pedras recriavam no ambiente a floresta na qual as personagens da peça descobriam suas identidades sexuais, adultas e conflituosas, o que, no Expressionismo, simboliza o retorno à sua natureza humana, atávica... O público deslocava-se por entre as cenas e escolhia a que queria assistir. No primeiro ambiente, havia uma participante-propositora que fazia uma provocação parecida com a de Wendla, que pedia a Melchior que batesse nela. A intenção era sentir e descobrir o significado desse tipo de dor. Em seguida, em outro ambiente com duas participantes, acontecia o aborto de Wendla, cena que optamos por evidenciar, uma vez que na obra é apenas narrada, feito pela mão de uma figura-freira, símbolo opressor da Igreja.

Em outro ambiente, havia uma recriação de Hanschen, aquele que se masturba com a gravura ou imagens de figuras míticas da Antiguidade clássica, transmutado por nós em mulher, na tentativa de evidenciar somente o que simboliza essa excitação, sem a necessidade de diferenciar os sexos. Na cena escolhida para inspirar esta ação, Wedekind propõe mais que uma crítica em relação à adoração ao passado, tão característico dessa vanguarda histórica, o faz, no caso da peça em questão, por meio das imagens de períodos históricos anteriores (a partir de imagética clássica). Trata-se de expediente característico texto, que vem acompanhado de uma reflexão quase perturbadora, uma vez que nele a descoberta do sexo é a descoberta das sombras.

O último ambiente era habitado pela ideia de Moritz, rasgando um texto recitado em frente ao seu túmulo, projetado na parede por meio de refletores e chamas de velas. Na dramaturgia da cena, para performatizar os sentidos do público, colocamos, numa região mais escura, um homem aprisionado em uma gaiola; com ele, certa quantidade de carne especialmente apodrecida para a ocasião. Moritz e o “homem enjaulado” (que poderia representar aqueles que fruía a obra) não apenas simbolizavam a morte e a prisão do corpo, mas, também, sobre a morte e o enjaulamento da esperança: o claro e o escuro imbricados no sem cor da alma humana.

O experimento, desenvolvido na aula de História do Teatro e da Literatura Dramática V, solicitava certa junção, no trabalho de criação,

entre expedientes característicos da vanguarda expressionista e outros da contemporaneidade que transitam com teatralidade mais contundente e performativa.

Referência bibliográfica

MORENO, Newton. *A refeição*. São Paulo: Aliança Francesa, Consulado Geral da França em São Paulo. Coleção Palco Sur Scène.